

25 DEZ 1986

# Planalto articula uma 'bancada Sarney' na Constituinte

Do Sucursal de Brasília

Ao mesmo tempo em que estimula o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, a negociar o pacto social com entidades sindicais, o governo desenvolve uma articulação com vistas a garantir o apoio do maior número possível de parlamentares eleitos no Congresso constituinte. Para isso, conta com três estratégias definidas: o efeito que o carisma do presidente causa nos parlamentares; a missão Brossard, que prevê contatos do ministro da Justiça com os governadores e o entendimento direto com as direções partidárias.

Na prática, o governo ainda não dispõe de números para avaliar a tendência da maioria dos deputados e senadores eleitos em novembro, mas as contas já começam a ser feitas. Por uma avaliação recente feita pelo presidente José Sarney e o chefe do Gabinete Civil, ministro Marco Maciel, 90% dos parlamentares eleitos, já recebidos em audiência no Palácio do Planalto, apoiam o governo e o presidente, em especial.

A constatação de que a figura do presidente influi no posicionamento dos parlamentares, inclusive, faz com que o Palácio do Planalto comece a sonhar com a formação da "bancada Sarney" no Congresso constituinte, independente da coloração ideológica de seus integrantes. Da mesma forma que o presidente Sarney diz não excluir nenhum segmento da sociedade da mesa de negociações do pacto social, sua "bancada" também buscaria quadros na direita, centro e esquerda.

"O presidente tem a seu favor vinte anos de atividade parlamentar em sua carreira política", afirma o

ministro Marco Maciel, ao prever uma ascendência grande do presidente sobre o Congresso constituinte. "O último presidente a ter um bom relacionamento com o Congresso foi Juscelino Kubitschek, e isso foi na década de 50". Segundo o ministro, os ex-presidentes Jânio Quadros, João Goulart e os militares que ocuparam o Palácio do Planalto não gostavam de dialogar com os congressistas. Esse argumento, na sua opinião, explica a facilidade de Sarney em relacionar-se com o Legislativo.

## Roseana

De fato, no dia-a-dia do Palácio do Planalto é comum notar-se a desenvoltura com que desfilam parlamentares como João Herrmann (PMDB-SP), um dos líderes da esquerda independente, e Edison Lobão (PFL-MA), que apoiou o governo na Arena e no PDS, antes de passar para o PFL. Ideologicamente os dois se opõem, mas politicamente concordam na tese de que o governo Sarney deve ser preservado.

Para o trabalho de aproximação de seu governo com as esquerdas, o presidente conta com a colaboração discreta de sua filha, Roseana Sarney Murad. Foi Roseana quem sugeriu ao presidente que convidasse parlamentares de esquerda para acompanhá-lo em viagens ao exterior.

Na primeira viagem presidencial, ao Uruguai, em 1985, estava na comitiva a deputada Bete Mendes (PMDB-SP), que abandonara a legenda do PT. Já em 1986, na viagem a Portugal e Cabo Verde, o convidado era Fernando Santana (PCB-BA), e à Argentina os deputados Haroldo Lima, líder do PC do B na Câmara, e João Herrmann (PMDB-SP).

Assim, não causará nenhuma surpresa ao Palácio do Planalto se em discussões de interesse do governo no Congresso constituinte atuem lado a lado, nas manobras de bastidores, os deputados Fernando Santana (BA), João Herrmann (SP) e João Cunha (SP), todos de esquerda, e os senadores Luiz Viana Filho (PMDB-BA), Lourival Baptista (PMDB-SE), e Jarbas Passarinho (PDS-PA), de centro-direita. Acima de divergências ideológicas pode estar em jogo a necessidade do apoio eventual ao "amigo José Sarney".

## Ulysses

Além da chance de contar com a ajuda de velhos ou novos amigos, o presidente José Sarney lutará para ter a seu lado os principais líderes dos partidos que compõem a Aliança Democrática (PMDB e PFL). Para garantir esse apoio, o presidente Sarney não esconde, em conversas reservadas, o interesse que tem na eleição do deputado Ulysses Guimarães para a presidência da Câmara.

"A eleição do dr. Ulysses servirá ao presidente como primeiro teste para avaliar a lealdade do PFL a seu governo", prevê o deputado Prisco Viana (PMDB-BA), ex-secretário-geral do PDS quando Sarney presidia o partido.

Segundo o parlamentar, o presidente lutará pela eleição de Ulysses Guimarães por duas razões: em primeiro lugar, porque Ulysses Guimarães na vice-presidência da República manterá o PMDB próximo do governo. Em segundo, pela confiança que o presidente Sarney deposita hoje no antigo adversário.

Também concorre para o interesse do presidente Sarney na eleição de

Ulysses Guimarães o fato de seu amigo Prisco Viana concorrer à 1ª secretaria na chapa do presidente do PMDB. Com Prisco Viana na 1ª secretaria da Mesa do Congresso constituinte, Sarney terá mais um amigo fiel em um posto importante.

O próprio Prisco Viana acredita que o presidente Sarney não medirá esforços para convencer o PFL a apoiar a candidatura de Ulysses Guimarães, tanto à presidência da Constituinte como da Câmara. "O presidente exerce uma grande influência sobre o PFL", afirma Prisco Viana, confiante de que o partido seguirá a orientação do presidente.

Paralelamente às articulações para eleger Ulysses Guimarães, garantindo a lealdade do PMDB ao governo, e ao esquema de cooptação de parlamentares amigos, o presidente Sarney ainda luta para ter os governadores eleitos em 15 de novembro do seu lado. Nesse esquema, ganha especial importância a chamada "missão Brossard". Por determinação do presidente, o ministro da Justiça percorrerá o país inteiro para dialogar com os governadores eleitos, que, supostamente, controlam suas bancadas no Congresso.

Na avaliação do Palácio do Planalto, o trabalho do ministro Paulo Brossard será facilitado, na medida em que os novos governadores assumem com os cofres vazios. Ou seja, a necessidade de verbas federais para tocar a administração colocará os governadores no mesmo barco do presidente José Sarney. Se as três articulações tiverem êxito, é previsível que o presidente José Sarney tenha fortes motivos para acreditar em sua permanência no governo por mais quatro anos.